

# ***Álbuns e escrita infantil: escrita epistolar dos alunos do curso primário do Colégio Farroupilha (Porto Alegre/RS – 1948-1966)\****

# 4

*Photo albums and written child: written in letters of students of Primary Farroupilha College (Porto Alegre/RS – 1948-1966)*

Maria Helena Câmara Bastos\*\*

**Resumo:** O estudo analisa os álbuns confeccionados pelas professoras do primeiro ano primário do Colégio Farroupilha (Porto Alegre/RS), de 1948 a 1966, com fotografias das turmas e as *cartinhas* de cada aluno, acompanhadas de fotografia individual. Os alunos entregavam o álbum à diretora da escola na “Festa do Livro”, evento realizado anualmente, no mês de outubro, para marcar a passagem à nova cartilha a ser utilizada: *Cartilha Proença* (1926), de Antonio Firmino de Proença. O colégio adotava, no início da alfabetização, a *Cartilha de Vivi e Vavá* (1938), de Célia Rabello. Em setembro, os alunos chegavam ao fim dessa cartilha, sabendo ler, escrever e contar. Para comemorar o processo de alfabetização, a cartilha apresentava como último texto de leitura “Festa do Livro”, mote para a realização de evento similar na escola, que também comemorava a entrada da primavera. Os álbuns e, especialmente, as *cartinhas*, são um expressivo *corpus* documental do cotidiano da escola e das práticas educativas realizadas ao longo do primeiro ano, quando se efetivava o processo de alfabetização, expressando toda uma rede paralela de significações. O estudo detém-se no exame da materialidade desse acervo, assim como analisa a prática de escritas escolares infantis, objetivando perceber os mecanismos de continuidade e descontinuidade presentes no trabalho pedagógico.

**Palavras-chave:** Álbuns. Escrita epistolar. Escritas infantis. Ensino da escrita. Festas escolares.

\* Este estudo integra o grupo de pesquisa “DE DEUTSCHER HILFSVEREIN AO COLÉGIO FARROUPILHA: entre memórias e histórias (1858-2008)”, CNPq/Fapergs/PUCRS (2012/2015).

\*\* Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-Doutorado pelo *Service d’Histoire de l’Éducation/SHE-INRP*, Paris (2000; 2010-2011). Atualmente é professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

**Abstract:** The study analyzes the albums made by the teachers of the first grade of the Farroupilha College (Porto Alegre/RS), from 1948 to 1966, with photographs of classes and the little letters on each student, accompanied by their individual photographs. Students gave the album to the school principal in Book Festival, an event held annually in October to mark the transition to the new booklet to be used: *Proença Primer* (1926), Antonio Firmino de Proença. The college embraced in the early literacy, *Vivi e Vavá* (1938), Célia Rabello. In September, students arrived at the end of this booklet, knowing how to read, write and count. To celebrate the acquisition of literacy, the booklet presented as a last text reading “Book Party” theme for the realization of similar event at the school, which also commemorated the entrance to the spring. The albums and especially the little letters are a significant corpus of documents of everyday school and educational practices carried out during the first year, when established the literacy process, expressing a whole parallel network of meanings. The study focuses on examining the materiality of this collection, and analyzes the practice of writing children’s school, aiming to realize the mechanisms of continuity and discontinuity present in the pedagogical work.

**Keywords:** Albums. Written in letters. Written for children. Teaching written. School parties.

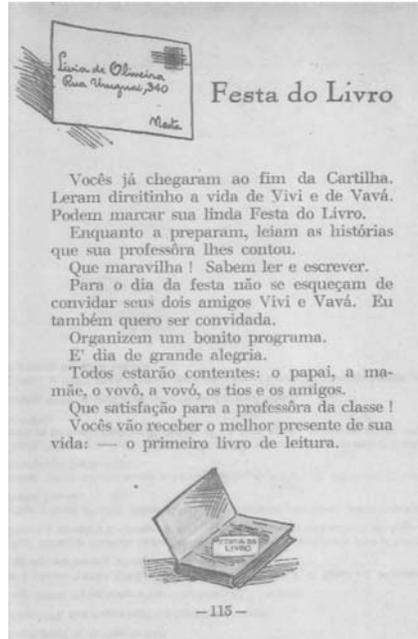
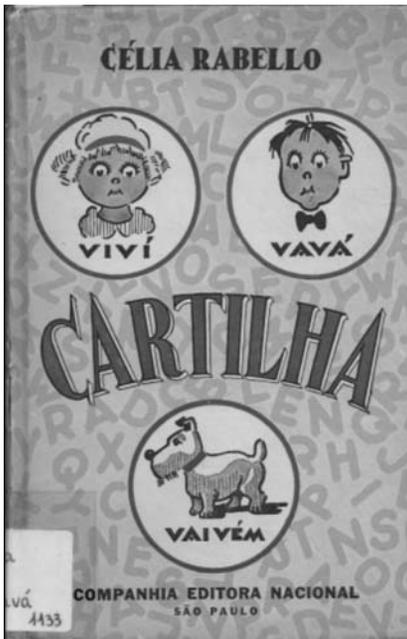
## Introdução

O Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS<sup>1</sup> adotava, no primeiro ano primário, a *Cartilha de Vivi e Vavá*,<sup>2</sup> de Célia Rabello.<sup>3</sup> Em setembro, os alunos chegavam ao fim da cartilha, sabendo ler, escrever e contar. Para comemorar esse processo de alfabetização, a cartilha apresentava como último texto de leitura “Festa do Livro”, mote para a realização de evento similar na escola, que também comemorava a entrada da primavera.

---

<sup>1</sup> O Colégio Farroupilha foi fundado em 1886 pela Associação Beneficente Educacional (ABE), da comunidade teuto-brasileira. Em 2011, comemorou 125 anos de existência, tendo sido pioneira na coeducação (1929) e na criação do Jardim de Infância (1911). Sobre a história do Colégio Farroupilha, ver Telles (1974); Hofmeister Filho (1996).

<sup>2</sup> A primeira edição dessa cartilha é de 1938 e foi aprovada pela Comissão do Livro Didático do Ministério da Educação e Saúde Pública. Também foi indicada para o primeiro ano pelo CPOE/RS, em 1950. (PERES, 2006) e editada pela Companhia Editora Nacional. Sobre isso ver Frade; Maciel (2006); Campelo (2007).



A festa, realizada anualmente no mês de outubro, marcava a passagem à nova cartilha: *Cartilha Proença* (1926-1955),<sup>4</sup> de Antonio Firmino de Proença,<sup>5</sup> cujas quatro primeiras lições de leitura versavam sobre o livro.<sup>6</sup> A festa era realizada no Salão de Música da escola e gerava muita preparação e expectativa por parte dos alunos. O álbum de 1948 (turma B) registra: “Eu vou ganhar a cartilha. Viva! Recebemos a Cartilha Proença!” Na festa, os alunos faziam apresentações teatrais (João e Maria), declamavam poesias, cantavam as músicas “Meu Livro”, presente na cartilha de Célia Rabello, e “A linda rosa juvenil”.

Como a leitura da lição “Festa do Livro” orientava a convidar os personagens da cartilha – *Vivi e Vavá*, as professoras estimulavam os alunos a convidarem a diretora da escola, através de cartas individuais, que eram reunidas em álbuns a serem apresentados na ocasião. Importante assinalar

<sup>3</sup> Célia Rabello também é autora de outros livros de leitura: *Em casa da vovó* (segundo ano primário); *Os três amigos* (leitura intermediária para o primeiro ano); *Ninita e suas amiguinhas* (terceiro ano, 1940).

<sup>4</sup> Sobre a *Cartilha Proença*, ver Frade (2010); Mortatti (2010).

<sup>5</sup> Sobre a trajetória de Proença e suas obras, ver Razzini (2010).

<sup>6</sup> Sobre essas quatro primeiras lições, ver análise de Frade (2010), especialmente as p. 153-157.

que na cartilha não há nenhuma lição em forma de escrita epistolar ou com orientação nesse sentido.

O presente estudo objetiva analisar os álbuns confeccionados pelas professoras do primeiro ano primário do Colégio Farroupilha (Porto Alegre/RS) e, especialmente, a escrita epistolar dos alunos, de 1948 a 1966. Os 34 álbuns fazem parte do acervo do Memorial “*De Deutscher Hilfsverein* ao Colégio Farroupilha”.<sup>7</sup> A pesquisa detém-se no exame da materialidade desse acervo, assim como analisa as práticas de escritas escolares infantis a partir da escrita epistolar.<sup>8</sup> Analisa o que escrevem e como se apresentam à diretora; se há diferenças de gênero entre as escritas infantis; e a caligrafia e a correção da ortografia. Também objetiva perceber os mecanismos de continuidade e descontinuidade presentes no trabalho pedagógico de alfabetização.

Estudos e pesquisas levadas a efeito no Brasil sobre as práticas de escritas escolares e infantis<sup>9</sup> têm interfaces com várias áreas do conhecimento, especialmente da história da educação com a história da cultura escrita. A escrita epistolar tem sido objeto de várias pesquisas levadas a cabo em distintas áreas: história, literatura, educação.<sup>10</sup> Quanto à escrita epistolar infantil, há poucos estudos e se centram em períodos recentes da história.<sup>11</sup>

---

<sup>7</sup> O Memorial *De Deutscher Hilfsverein* foi fundado em 2002 e conta com um acervo de fotografias, uniformes, livros, periódicos, mobiliário e demais objetos da cultura escolar. Sobre isso ver Almeida; Bastos; Jacques (2008).

<sup>8</sup> “La historia de la carta es casi tan antigua como la historia de la escritura. Desde sus orígenes, en el Próximo Oriente Antiguo, la correspondencia ya se utilizó para transmitir órdenes, acortar distancias, intercambiar noticias, compartir experiencias y expresar sentimientos, funciones que mantiene hasta nuestros días.” (CASTILLO-GÓMEZ, 2012).

<sup>9</sup> O avanço dos estudos na área de escritas escolares, escritas epistolares, tem sido estimulado e embasado em pesquisas realizadas na Espanha (Viñao-Frago, Escolano Benito, Castillo, Sierra-Blas, Del Pozo, etc.), na França (Hébrard, A-M. Chartier), na Argentina (Gvirtz).

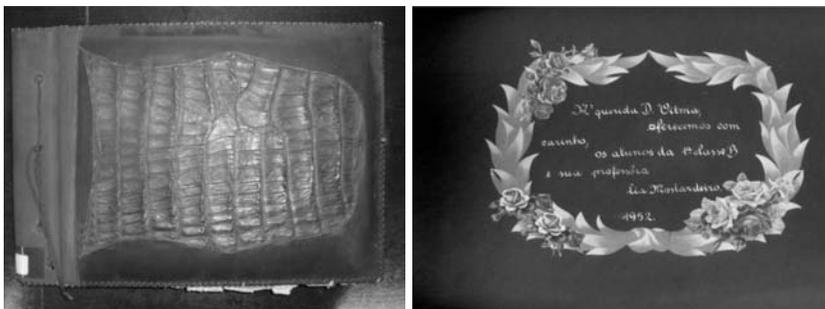
<sup>10</sup> Esta abordagem vem sendo realizada pelo grupo liderado por Antônio Castillo-Gómez e Verónica Sierra-Blas que lançou a coletânea de estudos intitulada *Mis primeros pasos: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX)* (2008). Para eles, história da cultura escrita é o estudo da produção, difusão, uso e conservação dos objetos escritos. Para isso busca alianças com outros saberes, como os advindos da história da educação escolarizada, que tem como seu objeto o estudo da escrita em suas várias modalidades. (p. 19). Ver também: CASTILLO-GÓMEZ (2002).

<sup>11</sup> Lima (2009) defende Tese de Doutorado em Letras, intitulada *O homem é um animal que escreve cartas: recepção do gênero carta por alunos do Ensino Fundamental*, em que analisa os gêneros da correspondência, especialmente das cartas pessoais, em treze coleções de livros didáticos para o Ensino Fundamental (do 2º ao 5º anos) destinados a crianças. Cabe registrar a publicação coordenada por Peres e Alves, intitulada *Cartas de Professor@s. Cartas a professor@s. Escrita epistolar e educação* (2009), que reúne vários estudos que abordam escritas infantis e escritas epistolares de crianças em fase escolar.

Na Espanha, pesquisas sobre a cultura escrita, especialmente a prática de escrita epistolar infantil, na escola e fora dela, têm servido para destacar as imbricações entre os manuais que ensinavam o modo de escrevê-las, os diversos usos sociais da carta e sua concreta inclusão nas atividades escolares (CASTILLO-GÓMEZ, 2012, p. 69). Para Sierra-Blas (2004, p. 59), a prática da escrita de cartas integrava os dois polos principais do processo educativo: o ensino da leitura e da escrita com o objetivo de iniciar os alunos na escrita epistolar e habituá-los na leitura de documentos usuais da vida diária. Além disso, essa aprendizagem era fundamental para a aquisição de uma competência gráfica, para que o aluno pudesse se desenvolver com êxito no seio da sociedade, nas relações com os outros, e, por fim, no conhecimento de si mesmo. Para a autora, o estudo da escrita epistolar na escola permite apontar novas perspectivas às práticas da escrita e leitura, as funções que assumem, as formas materiais que se apresentam, a concepção que delas se tem em um determinado espaço e tempo específicos. E conclui:

Aprender a escrever cartas era assim conhecer as normas que deviam reger os distintos espaços sociais, apropriar-se de uma série de conhecimentos que permitiam à criança desenvolver-se com êxito na sociedade, relacionar-se com os outros e compreender-se melhor consigo mesmo. (SIERRA-BLAS, 2004, p. 77).

## Os álbuns



Os álbuns, ricamente ilustrados e confeccionados com muito cuidado e organização, traziam fotografias da turma, tiradas com a professora no terraço da escola; na sala de aula em três ângulos diferentes; o convite e a

lembrança da festa; as “cartinhas” de cada aluno, escritas especialmente para a ocasião, acompanhadas de fotografia individual.

De 1948 a 1966, foram localizados 34 álbuns. Nesse período, foram professoras do primeiro ano: Iris Dreher (turma A); Lia Mostardeiro<sup>12</sup> (turma B); Suely Maraninchi, Vera E. Reimer, Margit Steyner, Renée Fürstenau Diefenbach, Maria Renate Alves (turma C); Ana Elisa Haus, Maria Clotilde Nonnemacker (turma D). Não foram localizados os confeccionados pelas professoras Iris Dreher (1949; 1955); Lia Mostardeiro (1955); das turmas de 1962 (A, B, D). A Turma C de 1963, da professora Maria Renate Alves, inovou presenteando a diretora com o “Álbum dos cadernos de rotação”.<sup>13</sup>



<sup>12</sup> Sobre a trajetória de 50 anos como alfabetizadora na escola, ver Almeida (1999).

<sup>13</sup> Os *cadernos de rotação* são um produto escolar, que os alunos deveriam construir. Também é um documento estético. Por ser um suporte para alcançar objetivos curriculares, sua correta realização constituía um documento de avaliação, já que era submetido à inspeção pela direção e professores da escola. O registro diário das atividades realizadas na sala de aula era realizado pelos alunos. A cada dia, um seria o responsável. Tinham mais presença nos cadernos aqueles alunos que apresentassem a melhor letra, com maior capricho, organização e habilidade estética. Sobre isso, ver Jacques (2011).

Em sua maioria, os álbuns apresentam um tamanho de 33cm x 23,5cm, todos com folhas de papel *couché* preto ou cinza, entremeadas em folhas de papel de seda bege, com escritos em caneta de tinta branca. Alguns apresentam tamanho maior: 33,5cm x 38,5cm; outros com 40cm x 29cm. As capas variam: lisas, de couro, de pele de jacaré, de madeira, plastificada com imagens de flores, bebês, paisagem. De 1958 a 1966, as turmas estão reunidas em um único álbum. As fotos estão presas com cantoneiras douradas e, em sua maioria, são em preto e branco.

Variando a capa e o tamanho em cada ano, os álbuns são iguais na estrutura e no conteúdo para todas as turmas.<sup>14</sup> A primeira página, sempre ricamente ilustrada, é dedicada à diretora pelos alunos de cada professora. Como a festa também comemorava a entrada da primavera, as ilustrações são sempre com muitas flores recortadas e coladas, decorando as páginas iniciais. Alguns dizeres fazem alusão à primavera: “Primavera é a estação da alegria e a época de tirarmos fotografia.” (Turma B, 1956). “Quando chega a primavera, alegria vai haver, não só pelas lindas flores, mas também porque sabemos ler e escrever.” (Turma B, 1957).



<sup>14</sup> Por exemplo, os álbuns de 1949, com capa azul para a turma A e verde para a turma B, trazem impresso na capa, em letras douradas, o nome do colégio e a turma. O fabricante era Cartona. Cartão-photo Nacional de João José Monegaglia, de São Paulo e o modelo n. 158. Foram adquiridos em Porto Alegre/RS na loja Claudino Nôr, na Rua Senhor dos Passos, 199.

Após essa primeira página, aparece a foto da turma – “Nossa aula”, com a professora, tirada no terraço da escola, com os dizeres – “D. Iris e alunos posaram para esta fotografia.” A foto vem acompanhada de versinhos, como, por exemplo:

“A nossa aula é um ninho. Cheio de encanto e amor. Vivemos que nem passarinho. Queremos luz e calor.” (Turma A, 1948).

“Apesar do sol, mas com muita alegria.” (Turma A, 1957).

“Devagar se vai ao longe! Com calma e aplicação, aprenderemos facilmente. Somos bons alunos! Não é só cabeça grande que quer dizer: Bom Estudante!” (Turma A, 1950).



A terceira folha traz a foto da sala de aula, com o título “Nossa sala”, “Nosso Ninho”, em que os alunos são descritos como “as florzinhas da professora”, “os soldadinhos da professora”, sempre acompanhada de mensagens:

Nesta aula em que chegamos sem quase nada saber, em breve deixaremos sabendo ler e escrever.

Em nossa aula querida estudamos com alegria. Sabemos canto, desenho, recorte e até geometria...

Pela manhã cantamos, para alegrar o nosso dia. Depois na classe estudamos, pois, ali, ninguém vadia...

Nossa aula é pequena, mas é um mundo de amor. Cada criança é uma açucena a sorrir para o Senhor.

Sou sempre atento e obediente, cumpro à risca o meu dever. Na vida o que vale à gente, são as luzes do saber.

No álbum da Turma B, de 1965, é interessante observar o processo de alfabetização registrado pela professora, no qual se denotam as angústias vividas pelos alunos e a expectativa da escola: “Primeiro fiz riscos e curvas, dei nome às letras, fiz feio e chorei. Chorastes e por quê? Alguém te magoou? Aquelas letrinhas eram mesmo danadas e por isso levei muitas xingadas. Se logo aprendias, chorar não devias.”

Interessante é assinalar o escrito da Professora Renée F. Diefenback, no álbum da turma C de 1955, em que expressa a expectativa de que os alunos se comportem e sejam atentos em sala de aula:

Quando um dos alunos  
À aula não dá atenção  
Dona Renée, a mestra  
Fica triste e com razão.

Em 1957 (Turma C), a professora também expressa uma ideia corrente da pedagogia tradicional, de que os alunos, ao entrarem na escola, são como “tábula rasa”:

E mais cousas de valia  
Trago dentro da cachola  
Que estava vazia  
Quando entrei nessa escola.

Outros dizeres assinalam essa percepção: “Após sete meses, nossa ignorância terminou. Pois com amor e carinho, nossa professora nos alfabetizou.” (Turma C, 1958).



Em outra página, a foto registra outro ângulo da sala de aula e, por último, a foto da sala tirada do fundo, aparecendo o quadro-negro, com um menino e uma menina escrevendo. Essa foto, sempre acompanhada de frases das professoras, destacam o prazer das crianças em escrever no quadro-negro: “Escrever no quadro todos queremos, para mostrar o que sabemos.” “Com que prazer escrevemos no quadro. Até que enfim, chegou a nossa vez.” Essas frases de alegria não correspondem necessariamente à realidade, pois muitas memórias de alunos, em diferentes tempos e escolas, assinalam emoções contrárias: de pavor, constrangimento, medo, aflição.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Ver Bastos (2005).



Depois das fotos, vêm as “Nossas cartinhas”. A página de introdução às cartas dos alunos traz também dizeres que exaltam a diretora. Por exemplo, o verso e o acróstico do álbum da turma B, de 1966:

Pequenos ainda somos  
Mas havemos de crescer  
Porém, jamais queremos  
D. Wilma esquecer!

Wilma, aprendemos a escrever  
Isso não foi difícil.  
Ler também foi um prazer  
Mas de tudo foi mais fácil  
Aprender a esse nome querer.

Cada *cartinha* vem acompanhada, no alto, da foto do seu autor. O papel de carta é o mesmo ao longo dos anos: sempre com uma imagem, desenho no canto esquerdo da folha; com linhas e quatro laudas para escrever; tamanho 18cm x 10,5cm. Esses papéis são industrializados, e nos anos 60 (séc. XX), há papéis com decalco ou carimbo, coloridos pelos alunos. Os alunos utilizam somente uma ou duas laudas. As cartas são colocadas somente na página par do álbum, contendo três cartas e fotos em cada página.

Algumas cartas estão dentro do envelope, seguindo a prática formal de envio. A maioria das cartas é escrita a lápis, mas localizamos algumas lavradas com caneta tinteiro.

Do acervo documental dos 34 álbuns, contabilizamos 2.007 “cartinhas”, acompanhadas de 1.946 fotos de seus autores. A partir da junção das turmas em um único álbum (de 1958 a 1966), muitas cartas não vinham acompanhadas de fotografia e estavam reunidas em um envelope. Esse número expressivo de cartas decorre que as turmas tinham muitos alunos, especialmente na década de 50 (séc. XX), que variavam de 40 a 50 alunos em cada classe. Na década de 60 do mesmo século, as turmas tinham de 25 a 30 alunos.

A prática da escrita de carta à diretora parece ser a primeira experiência para muitos dos alunos: “Nós já sabemos escrever cartas.” (Turma A, 1948). “Essa é a minha primeira cartinha.” (Turma C, 1955).<sup>16</sup> As cartas seguem as normas padrão de escrita epistolar, as quais faziam parte da aprendizagem da escrita,<sup>17</sup> colocando a data recuada, no lado direito da página; Querida D. Wilma, no centro da página; o texto, com 10 a 15 linhas; a saudação final e a assinatura. Algumas inovam na despedida: “Saúde para nossa querida Diretora.”

Porto Alegre, 7 de outubro de 1960

Querida D. Wilma,

Nós já sabemos ler no livro e escrever. Nós já escrevemos com caneta. Eu estou com saudades de ti. A senhora está com saudade de nós? Nossa aula está toda enfeitada. Eu achei muito bonita aquela igreja. A D. Iris é muito boa. Eu mando um abraço e um beijo.

(Turma A, 1960).

---

<sup>16</sup> Optou-se por identificar somente a turma de alunos e a data, para preservar o nome do(a) autor(a) discente.

<sup>17</sup> Os manuais didáticos que apresentam atividades voltadas à escrita epistolar não têm merecido um olhar atento dos pesquisadores. Cunha (2009), em seus estudos sobre manuais de civildade, tem tangenciado as orientações dadas aos alunos sobre a escrita de cartas, mas sem ser foco central. Por exemplo, no *Compêndio de civildade, para uso das famílias e dos institutos educativos*, com data de 1930, editado pela Livraria Salesiana e adotado nas escolas, o apêndice trata “Do modo de escrever cartas”, com 34 regras a serem observadas na escrita epistolar: políticas, científicas, artísticas, didáticas, familiares. (BASTOS, 2010). Sobre manuais de escrita epistolar para crianças, SIERRA-BLAS (2003, 2004).

Após as *cartinhas*, alguns álbuns trazem fotos de outras festas realizadas na escola: Páscoa; Dança do Índio; “Exercícios de imitação: serrando a lenha, anão e gigante, exercício de respiração, trenzinho”; atividades do recreio: gata cega, ciranda, cirandinha, deixa-me ver tua boneca, conversando e brincando. Outros trazem os registros fotográficos da “Festa do Livro” e das apresentações realizadas, que se presume terem sido anexados posteriormente.



### Cartinhas à diretora D. Wilma (1948-1966)

Querida D. Wilma,  
Como vai a senhora?  
Eu vou bem. D. Iris gosta muito de mim.  
Eu ganhei no segundo boletim de novo o primeiro lugar.  
Nós estamos estudando para a festinha do livro.  
Eu vou ser flor na festa.  
Ontem D. Iris tocou disco para nós.  
Eu brinquei anteontem com o meu gatinho.  
Abraços e beijos.  
(Turma A, 1953).

O que dizem as *cartinhas*? Relatam, em sua maioria, o seu desenvolvimento no processo escolar, o que já sabem e aprenderam: cálculo mental, leitura, cópia, caligrafia, ditado, geometria: “Eu escrevo esta cartinha para a Senhora ver como Dr. Mario sabe escrever.” (Turma A, 1948). “No meu caderno de Ditado eu só tirei 100 Muito Bom. Se eu já sei ler eu vou receber um novo livro.” (Turma A, 1966). “No meu caderno de contas eu estou melhorando.” (Turma A, 1957). “Eu gosto muito de escrever em cadernos.” (Turma A, 1957). “Nós já lemos o livro todo.” (Turma B, 1957). “Nós plantamos feijão.” (Turma A, 1965).

Comunicam as notas obtidas nas tarefas realizadas e a classificação bimestral no boletim, as quais denotam uma avaliação rigorosa e meritocrática: “Eu tirei prêmio de leitura.” (Turma A, 1948). “Na nossa aula há um relógio novo. Eu ganho tudo dez.” (Turma A, 1948). “Agora, eu vou lhe dizer os lugares: O Mario tirou 1º lugar. Celso subiu para o 1º lugar. Eu tirei 1º lugar. O Carlos e o Rui tiraram 2º lugar. E o Ricardo tirou 3º lugar.” (Turma A, 1957). “Eu estou me esforçando para tirar notas boas e no fim do ano tirar medalha.” (Turma A, 1966).

Também registram aspectos da disciplina escolar e as expectativas quanto ao comportamento esperado: “Eu sou estudioso.” (Turma A, 1948). “Eu tenho ordem.” (Turma A, 1948). “D. Iris está muita satisfeita comigo. Eu estou contente e mamãe e papai também.” (Turma A, 1948). “Eu vou cuidar muito da cartilha. Eu sou um aluno bom. Eu não vou fazer orelhas.” (Turma B, 1949). “Eu vou estudar para tirar boas notas.” (Turma C, 1955). “Eu estou melhorando nas notas. Eu queria melhorar com os meus novos cadernos.” (Turma A, 1957). “Eu prometo que vou sempre ganhar lugar bom. Eu quero ser tão boa no colégio como meu irmão que sempre ganha primeiro lugar.” (Turma C, 1955). “Agora prometerei não incomodar D. Renée.” (Turma C, 1955). “Vou fazer um esforço para tirar o primeiro lugar e ganhar medalha de ouro.” (Turma C, 1955).

Algumas cartas descrevem a sala de aula: “Nas janelas da nossa aula tem muitas borboletas e desenhos.” (Turma B, 1965). Outras informam sobre atividades realizadas na escola: a ida à missa ou ao culto; a plantação de feijão...

Exteriorizam sentimentos de satisfação em relação à diretora como também à professora da turma: “D. Vilma, eu estou gostando muito desta aula do primeiro ano A da D. Iris.” (1957).

Além disso, assinalam os preparativos da festa, os papéis que vão representar no evento: “Na primavera as meninas vão ser vestidas de flores. Nossa escola é um ninho.” (Turma B, 1949). “Eu vou ser vento na festa do Colégio.” (Turma A, 1957). “Minhas colegas e eu vamos recitar alguns versos.” (Turma C, 1955). “Nós vamos mostrar o primeiro dia de aula que não sabíamos nada.” (Turma A, 1965).

Porto Alegre, 7 de outubro de 1960.

Querida D. Wilma!

Como foi a viagem? Nós já sabemos escrever as letras. A minha aula está toda florida. Nós estamos ensaiando a festa. Vamos representar a história de Joãozinho e Maria. Nós plantamos feijão. Quando a senhora chegar Nós vamos convidar a Sra. Para vir à nossa aula.

(Turma B, 1960).

Observando as cartas, é possível perceber que não passaram por uma correção da professora, pois apresentam problemas ortográficos: “Nos tiromos retrgatos”. “Eu faso muita lisão.”

Portuo Alegre, 7 de outubro de 1960

Querida D. Wilma,

D. Wilma como vai a Sra. A Sra vai bem? D. Wilma nossa aula esta florida, eu estou caprichando com a lisão e a D. Iris está gostando de mim.

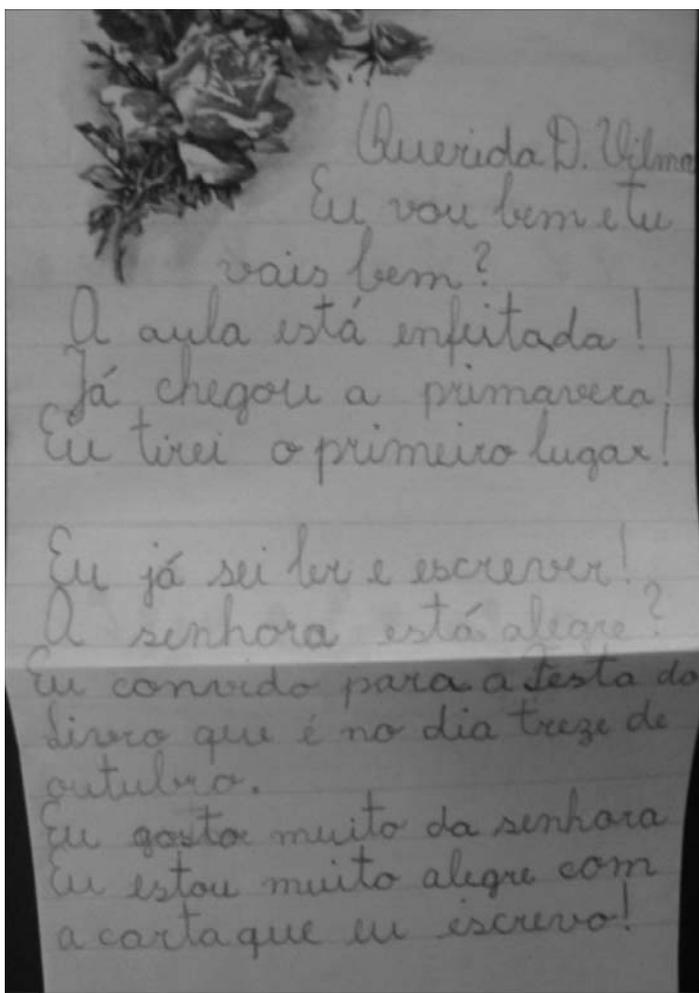
A D. Iris enfeitou a aula de flores muito bonitas.

E um abraço e um beijo aqui escreveu a carta foi o [...].

(Turma B, 1960).

A caligrafia tinha especial atenção das professoras no primeiro ano de escolaridade. Constava como disciplina no boletim escolar e utilizavam

vários cadernos ao longo do ano.<sup>18</sup> Pode-se pensar que a carta colocada no álbum tenha sido uma cópia da escrita no bloco, adotado pela escola para realizar tarefas de sala de aula para serem depois copiadas nos cadernos. A expectativa da letra bonita não era só dos professores, mas dos pais. Uma aluna da turma B (1949) escreve: “Minha mãe está contente com a minha letra.”



<sup>18</sup> Na análise realizada nos cadernos de Gladis, que realizou o curso primário de 1953 a 1957, foram utilizados nove cadernos de caligrafia no primeiro ano. Ver Bastos (2008).

Alguns álbuns e muitas cartas registram e comentam as viagens da diretora ao Exterior. Suas viagens são temas explorados em sala de aula. Por exemplo, em 1952, no álbum da turma A, a professora D. Iris registra: “Em junho um casal resolveu viajar... E nós aqui ficamos a contar os dias que custaram a passar...”. A seguir, o álbum apresenta o cartão enviado pela diretora aos alunos da turma, as fotos de seu regresso e da festa com que foi recebida e a frase: “D. Wilma voltou!!! E com ela, a alma do colégio...” As cartas dos alunos assinalam as atividades desenvolvidas e os recursos utilizados para acompanhar as viagens da diretora:

Querida D. Wilma

D. Wilma a nossa aula está muito enfeitada de heras e frisos e muitas coisas.

D. Wilma como foi sua viagem, foi muito boa? Aqui na nossa sala está muito bom. Nós vimos no mapa aonde a senhora estava. A nossa festa vai ser no dia 13. Um abraço do [...].

(Turma A, 1960).

Porto Alegre, 8 de outubro de 1960

Querida D. Wilma

Nós temos um mapa e nós estamos acompanhando sua viagem. Nós vamos fazer uma festa do livro. Nós vamos fazer festa do Joaozinho e Mari-azinha. Nós já sabemos escrever com caneta.

Um beicho de [...].

(Turma A, 1960).

A saúde de D. Wilma<sup>19</sup> também é referida nas cartas, especialmente nas cartas do ano de 1957: “D. Vilma a senhora está contente com os meus cadernos? D. Vilma a senhora está com a gripe asiática?”. “Se a senhora não está melhor não se acanhe.” “D. Vilma se a senhora não estiver boa tome uma injeção.” (Turma A).

---

<sup>19</sup> Nas cartas encontra-se o nome da diretora com a grafia correta (W) e com V (Wilma). Folheando a cartilha *Vivi e Vavá* constata-se que o nome da mãe dos personagens é D. Vilma, com uma lição dedicada a ela “D. Vilma e a meia”.

O afastamento da diretora do Ensino Primário em 1966, depois de 39 anos de escola, dos quais 18 anos como gestora, é registrado nas cartas dos alunos: “Sinto muito porque a senhora vai sair deste lindo Colégio Farroupilha. Por que a senhora vai sair do colégio?”. “Querida D. Vilma. Venha cá para matarmos a saudade. Que pena que a senhora vai embora. Você vai ficar com muita saudade.” “A senhora era que nem nossa mãe neste colégio.” “Eu vou sentir muita falta da senhora. Querida D. Vilma, eu espero que a senhora não fique doente. Você me trata como mãe.” (Turma A, 1966). A carta de outro aluno também traz expressivas palavras de afeto:

Querida D. Vilma  
Como eu amo a senhora.  
A senhora é muito querida.  
A senhora já trabalhou 39 anos?  
A nossa aula está muito enfeitada de flores porque estamos na primavera.  
(Turma A, 1966).

Os escritos muitos similares permitem depreender que havia uma condução por parte das professoras acerca do que deviam e/ou podiam escrever. No entanto, observa-se alguma iniciativa de introduzir outra informação. Por exemplo, uma aluna da Turma C, de 1955, comenta: “A sua saia é muito bonita. Outra, diz: “D. Vilma é muito querida. A Senhora é bonita.”

Muito expressiva é a carta de uma aluna da Turma A, de 1951, que abordou o brinquedo de seu cotidiano infantil – a boneca: “A Sra. Sabe que tem mais uma aluna, sabe quem é? A minha boneca. A Sra sabe que acharam tão linda.” Atividades realizadas fora da escola também são informadas: “Esses dias eu fui passear no Parque Farroupilha.” “Ontem vi uma corrida.” (Turma B, 1949).

Os alunos comunicam expectativas futuras: “Eu vou me esforçar para aprender sempre bem. Quero estudar piano e quero estudar também para professora, só que demora.” (Turma C, 1955). “Eu quero ser aluna bem estudiosa para agradar a senhora e meus pais. Eu quero ser professora do

Colégio Farroupilha.” (Turma C, 1955). Emblemática é a carta de uma aluna da Turma B (1949), que reproduz o verso que decorava a parede da sala de aula e que estava presente no álbum de 1948: “A nossa aula é um ninho. Cheio de encanto e amor. Vivemos que nem passarinho. Queremos luz e calor.”

### **Concluindo...**

Os álbuns e, especialmente, as “cartinhas” são um expressivo *corpus* documental do cotidiano da escola e das práticas educativas realizadas ao longo do primeiro ano, quando se efetivava o processo de alfabetização.

As escritas escolares são consideradas obrigatórias, aparecem nos cadernos, nos materiais dos alunos. Não surgem de uma exigência íntima, mas de um controle e de uma disciplina instituídos pelos professores. Textos, exercícios, cópias, atividades de caligrafia e ditados pertencem à categoria de “escritas obrigatórias”, ou seja, aquelas que simplesmente são um reflexo das palavras e atitudes do professor ou do livro de texto e que se reproduziam nos cadernos escolares. (JACQUES, 2011, p. 1).

Considera-se a prática da escrita epistolar como um processo educativo e de construção da representação do aluno, da sua aprendizagem e da escola. Expressa um discurso que produz o próprio sujeito, com o objetivo de formar uma determinada identidade: de aluno e de pessoa. A atividade, além de exercitar a letra, tornando-a bonita, homogênea e limpa, é uma atividade voltada a produzir o bom aluno e o cidadão com características desejáveis aos padrões sociais da época.

Para Bishop (2010, p. 2), as escritas infantis escolares, nos cadernos de redação, “meu diário”, redigidos na primeira pessoa com “narrações de acontecimentos vividos”, são expressões de “escritas de si”, em que o autor é o objeto mais ou menos autêntico de seu texto. Cita como exemplo as redações relativas às férias escolares, aos fins de semana, aos passeios familiares, ao cotidiano familiar e/ou escolar (Noite em família; Uma festa familiar; O dia de hoje...). Também considera os exercícios de escrita epistolar e as tarefas ligadas ao ensino moral e cívico como escritas de si.

O conjunto de cartas permite assinalar a direção consentânea da atividade proposta entre as turmas, com professores diferentes e na longa duração em que foi realizada. Percebe-se uma orientação uniforme e uma

prática homogênea entre os docentes. No entanto, alguns alunos foram além do modelo proposto, exercendo uma escrita mais autônoma e pessoal.

A escola é lugar de aprendizagens da vida, um microcosmo social que funciona como espaço de maturação intelectual. A importância da infância e da instituição escolar na construção social da memória e o interesse histórico de ver traços de tempos passados mostram que as memórias de vida ou as escritas ordinárias<sup>20</sup> são testemunhos preciosos da *cultura escolar* de um tempo e de um espaço significativos para a construção da história da escola e da educação. As possibilidades de escrita e de suas histórias coexistem simplesmente, plurais como as verdades, as práticas e os momentos históricos que as engendraram. (WINTERMEYER, 2008, p. 31).

Nos últimos anos, telefones, mensagens de texto e redes sociais se tornaram as formas mais usuais de se comunicar, substituindo a prática da escrita epistolar, mas o estímulo à prática de escrever cartas na escola ainda persiste. Um exemplo é o “Concurso Internacional de Redação de Cartas”, promovido pela União Postal Universal (UPU) e pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), para estimular a troca de cartas entre as pessoas, pois representam somente 20% das correspondências entregues atualmente. Participam do evento 190 países. (COELHO, 2012, p. 44).<sup>21</sup> Ensinar a escrever cartas e estimular sua prática como escritas de si são, ainda hoje, atividades a serem desenvolvidas no âmbito do ensino da escrita nas escolas.

## Referências

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. *O caminho das letras: os 50 anos de alfabetização da professora Lia Mostardeiro*. Porto Alegre: ABE, 1999.

ALMEIDA, Dóris B.; BASTOS, M. H. C.; JACQUES, Alice R. *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: entre memórias e histórias (1858-2008)*. In: ENCONTRO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 14., 2008, Pelotas. *Anais...* Pelotas: UFPel; Asphe, 2008.

<sup>1</sup> Sobre escritas ordinárias, ver Hébrard (2000).

<sup>2</sup> Na reportagem “Gaúchas são destaque em concurso de cartas”, Allison Coelho (2012, p. 44) informa as duas primeiras colocadas no Rio Grande do Sul, que escreveram uma carta com o tema “Escreva uma carta a um atleta ou a uma personalidade esportiva que admira para lhe dizer o que significa os jogos olímpicos para você.”

BASTOS, M. H. C. *Infâncias escritas: cartas, cadernos, jornais e outros testemunhos escolares na história da educação no Brasil*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2010. Mimeo.

BASTOS, M. H. C. Relíquias escolares: uma vida em cadernos: um campo de pesquisa da cultura escolar. In: PASSEGI, Maria da Conceição (Org.). *Tendências da pesquisa (auto)biográfica*. Natal: Ed. da UFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 179-208, v. 3.

BASTOS, M. H. C. Do quadro-negro à lousa digital: a história de um dispositivo escolar. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 1, n. 4, p.133-142, jan./dez. 2005.

BISHOP, Marie-France. *Racontez vos vacances...: histoires des écritures de soi à l'école primaire (1882-2002)*. Grenoble: PUG, 2010.

CAMPELO, Kátia Gardênia Henrique da Rocha. *Cartilhas de Alfabetização: subsídios para a compreensão da história da alfabetização mineira (1930-1945)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – PPGE/UFMG: Belo Horizonte, 2007.

CASTILLO-GÓMEZ, António. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. *Educação*, Porto Alegre, v. 35, n.1, p. 66-72, jan./abr. 2012.

CASTILLO-GÓMEZ, António. *Me alegraré que al recibo de ésta: Quinientos años escribiendo cartas*. Exposición Biblioteca Nacional de España. 2012. Disponível em: <<http://www.bne.es/es/Actividades/MuseoBibliotecaNacional/SalaMusas/CincoSiglosdeCartas/>>. Acesso em: 20 out. 2011.

COELHO, Álisson. Gaúchas são destaque em concurso de cartas. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 44, 13 abr. de 2012.

CUNHA, M. T. S. Saberes impressos: escritas de civilidade em impressos educacionais (décadas de 1930-1960). In: YASBECK, Dalva Carolina; ROCHA, Marlos Bessa Mendes da (Org.). *Cultura e história da educação: intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2009. p. 232-251.

FRADE, Isabel Cristina A. da Silva. Cartilha Proença e leitura principiante de Antonio Firmino de Proença: configurações gráficas e pedagogia. In: RAZZINI, Márcia de Paula G. (Org.). *Antonio Firmino de Proença: professor, formador, autor*. São Paulo: Porto Idéias, 2010. p. 141-170.

FRADE, Isabel C. A. da Silva; MACIEL, Francisca (Org.). *História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – séculos XIX e XX)*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG;FAE, 2006.

GAUSTAUD, Carla. *De correspondências e correspondentes: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880-1950*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – PPGEdU/UFRGS, Porto Alegre, 2009.

HOFMEISTER FILHO, Carlos. *1886-1996 Colégio Farroupilha: 100 anos de pioneirismo*. Porto Alegre, [s. n.], 1996.

JACQUES, Alice Rigoni. As escritas obrigatórias nos cadernos escolares do curso primário do Colégio Farroupilha. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória. *Anais...* Vitória: UFES/SBHE, 2011. CD-Rom.

JACQUES, Alice Rigoni. Os cadernos de rotação do Curso Primário do Colégio Farroupilha. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 17., 2011, Santa Maria. *Anais...* Santa Maria: UFSM, 2011. CD-Rom

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas: SBHE, n. 1, p. 9-43, jan./jul. 2001.

LIMA, Wilma Maria Sampaio. *O homem é um animal que escreve cartas: recepção do gênero carta por alunos do Ensino Fundamental*. 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

LIMA, Rosimeri Simões de. Cartas de meus (ex)alun@as: vínculos afetivos através da caneta e do papel. In: PERES, Eliane; ALVES, Antonio Maurício Medeiros (Org.). *Cartas de Professor@s. Cartas a professor@s: escrita epistolar e educação*. Porto Alegre: Redes, 2009. p. 167-184.

MANKE, Lisiane Sias. Cartas de despedida: “Seja feliz professora!” In: PERES, Eliane; ALVES, Antonio Maurício Medeiros (Org.). *Cartas de Professor@s. Cartas a professor@s: escrita epistolar e educação*. Porto Alegre: Redes, 2009. p. 101-119.

MORAIS, Roselusia Teresa Pereira de. Cartas dos “peixinhos” à professora. In: PERES, Eliane; ALVES, Antonio Maurício Medeiros (Org.). *Cartas de Professor@s. Cartas a professor@s: escrita epistolar e educação*. Porto Alegre: Redes, 2009. p. 151-165.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Antonio Firmino de Proença na história da alfabetização do Brasil. In: RAZZINI, Márcia de Paula G. (Org.). *Antonio*

*Firmino de Proença*: professor, formador, autor. São Paulo: Porto Ideias, 2010. p. 117-139.

PERES, E. T. A produção e a circulação de cartilhas escolares no Rio Grande do Sul: alguns dados de pesquisa. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira (Org.). *História da alfabetização*: produção, difusão e circulação de livros (MG, RS, MT, séculos XIX e XX). Belo Horizonte: CNPq; Fapemig; Ceale, 2010. p. 145-170.

PERES, Eliane (Org.). *Memórias de alfabetização*. Pelotas: Seiva, 2007.

PORTO, Gilceane Caetano; NOGUEIRA, Gabriela Medeiros; MICHEL, Caroline Braga. O processo de produção da escrita de crianças no início da escolarização: uma análise de bilhetes escritos para uma professora. In: PERES, Eliane; ALVES, Antonio Maurício Medeiros (Org.). *Cartas de Professor@s. Cartas a professor@s*: escrita epistolar e educação. Porto Alegre: Redes, 2009. p. 69-84.

RAZZINI, Márcia de Paula G. (Org.). *Antonio Firmino de Proença*: professor, formador, autor. São Paulo: Porto Ideias, 2010.

REDIN, Marita Martins. *A escrita na infância*: quando escrever é uma aventura que vale a pena. AVISA LÁ – revista para a formação de professores de Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. São Paulo: Instituto Avisa Lá, n. 34, p. 11-17, 2008.

TELLES, Leandro. *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farrroupilha*: 1858/1974. Porto Alegre: ABE, 1974.

VIDAL, Diana Gonçalves. *Culturas escolares*: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2005.

SIERRA-BLAS, Verónica. *Aprender a escribir cartas*: los manuales epistolares en España contemporánea (1927-1945). Gijón: Trea, 2003.

SIERRA-BLAS, Verónica. As cartas e a escola: los manuales epistolares para niños en la España contemporánea. *História da Educação*, v. 8, n. 16, p. 59-77, 2004.

**Recebido em 14 de abril de 2012.  
Aprovado em 29 de maio de 2012.**